

# ADOLFO BIOY CASARES

## O Sonho dos Heróis



«Bioy Casares é um dos maiores escritores da América latina, com uma vasta obra onde a fantasia e a realidade se sobrepõem numa harmonia magistral.»

Jorge Luis Borges



cavalo de ferro

## I

Ao longo de três dias e três noites do Carnaval de 1927, a vida de Emilio Gauna atingiu a sua primeira e misteriosa culminação. Que alguém tenha previsto o terrível termo determinado e, à distância, tenha alterado o fluir dos acontecimentos é uma questão difícil de resolver. Na verdade, uma solução que aponhasse para um obscuro demiurgo como autor dos factos que a pobre e pressurosa inteligência humana vagamente atribui ao destino, mais do que uma nova luz, acrescentaria um novo problema. O que Gauna entreviu perto do fim da terceira noite chegou a ser para ele como que um ansiado objecto mágico, obtido e perdido numa prodigiosa aventura. Investigar essa experiência, recuperá-la, foi, nos anos que se seguiram, a tão falada tarefa que tanto o desacreditou perante os amigos.

Os amigos reuniam-se todas as noites no café Platense, na esquina da Iberá e da avenida del Tejar e, quando o doutor Valerga, mestre e modelo de todos eles, não os acompanhava, falavam de futebol. Sebastián Valerga, homem parco em palavras e propenso à afonia, conversava sobre o *turf*<sup>1</sup> — «sobre as palpitan-tes competências dos circos de antanho» —, sobre política e sobre coragem. De vez em quando, Gauna teria comentado os Hudson e os Studebaker, as quinhentas milhas de Rafaela ou o Audax, de Córdoba, mas como o tema não interessava aos outros, tinha de se calar. Isto conferia-lhe uma espécie de vida interior. Ao sábado ou ao domingo viam jogar o Platense. Alguns domingos, quando tinham tempo, passavam pela quase marmórea confeitaria Los Argonautas, com o pretexto de rirem um pouco das raparigas.

1 Em inglês, no original: desporto ou negócio das corridas de cavalos. [N. dos T.]

Gauna acabara de fazer vinte e um anos. Tinha o cabelo escuro e crespo, os olhos esverdeados; era magro, estreito de ombros. Chegara ao bairro há dois ou três meses. A sua família era de Tapalqué: aldeia da qual recordava umas ruas de terra batida e a luz das manhãs em que passeava com um cão chamado *Gabriel*. Ficara órfão muito pequeno e uns parentes levaram-no para Villa Urquiza. Nesta conheceu Larsen: um rapaz exactamente da sua idade, um pouco mais alto, de cabelo ruivo. Anos mais tarde, Larsen mudou-se para Saavedra. Gauna sempre desejara viver por sua conta e não dever favores a ninguém. Quando Larsen lhe arranjou trabalho na oficina de Lambruschini, Gauna também foi para Saavedra e arrendou, a meias com o amigo, um quarto a dois quartos do parque.

Larsen tinha-o apresentado aos rapazes e ao doutor Valerga. O encontro com este último impressionou-o vivamente. O doutor encarnava um dos possíveis porvires, ideais e não cridos, aos quais a sua imaginação sempre se dedicara. Da influência desta admiração sobre o destino de Gauna não falaremos ainda.

Um sábado, Gauna estava a ser escanhoado numa barbearia da rua Conde. Massantonio, o barbeiro, falou-lhe de um potro que ia correr nessa tarde em Palermo. Ganharia com toda a certeza e pagaria mais de cinquenta pesos por aposta. Não fazer uma aposta forte, generosa, era um acto miserável, que mais tarde pesaria na alma de mais do que um tacanho desses que não vêem para além dos seus narizes. Gauna, que nunca apostara nas corridas, deu-lhe os trinta e seis pesos que tinha: tão insistente e pertinaz veio a revelar-se Massantonio. Depois, o rapaz pediu um lápis e anotou no verso de um bilhete de eléctrico o nome do potro: *Meteórico*.

Nessa mesma tarde, às oito menos um quarto, com a *Última Hora* debaixo do braço, Gauna entrou no café Platense e disse aos rapazes:

— O barbeiro Massantonio fez-me ganhar mil pesos nas corridas. Proponho-vos que os gastemos juntos.

Desdobrou o diário em cima de uma mesa e leu laboriosamente:

— Na sexta de Palermo ganha o *Meteórico*. Sport: \$59,30.

Pegoraro não escondeu o seu ressentimento e a sua incredulidade. Era obeso, de feições largas, alegre, impulsivo, ruidoso e — um segredo que ninguém ignorava — tinha as pernas cobertas de furúnculos. Gauna olhou-o por instantes; depois tirou a carteira e entreabriu-a, deixando ver as notas. Antúnez, a quem chamavam, por causa da estatura, o Grande Barolo, ou o Pasaje<sup>2</sup>, comentou:

— É demasiado dinheiro para uma noite de bebedeira.

— O Carnaval não dura uma noite — sentenciou Gauna.

Interveio um rapaz que parecia um manequim de loja de bairro. Chamava-se Maidana e apodavam-no de Gomina<sup>3</sup>. Aconselhou Gauna a estabelecer-se por conta própria. Recordou a oferta de um quiosque para venda de jornais e revistas numa estação ferroviária. Esclareceu:

— Tolosa ou Tristán Suárez, não me lembro. Um sítio perto daqui, mas meio-morto.

Na opinião de Pegoraro, Gauna devia arrendar uma loja no Bairro Norte e abrir uma agência de emprego.

— Aí, refastelado diante de uma mesa com telefone privativo, mandas entrar os recém-chegados. Cada um paga-te cinco pesos.

Antúnez propôs-lhe que lhe desse todo o dinheiro. Ele entregá-lo-ia ao seu pai e dentro de um mês Gauna recebê-lo-ia multiplicado por quatro.

— A lei do juro composto — disse.

— Temos tempo de sobra para poupanças e sacrifícios — respondeu Gauna. — Desta vez, vamos divertir-nos juntos.

Larsen apoiou-o. Então Antúnez sugeriu:

— Consultemos o doutor.

Ninguém se atreveu a contradizê-lo. Gauna pagou outra rodada de vermute, brindaram a melhores tempos e dirigiram-se para a casa do doutor Valerga. Já na rua, com aquela voz afinada e chorosa que, anos depois, lhe granjearia um certo renome em quermesses e festas de beneficência, Antúnez cantou *La copa del olvido*. Com uma inveja amistosa, Gauna pensou que Antúnez encontrava sempre o tango adequado às circunstâncias.

<sup>2</sup> A alcunha alude a um célebre edifício de Buenos Aires, inaugurado em 1923, que foi o mais alto da cidade até 1935. [N. dos T.]

<sup>3</sup> Brillantina. [N. dos T.]

Tinha sido um dia quente e as pessoas agrupavam-se junto às portas, a conversar. Francamente inspirado, Antúnez cantava a plenos pulmões. Gauna teve a estranha impressão de se ver passar com os rapazes entre a desaprovação e o rancor dos vizinhos e sentiu uma certa alegria, um certo orgulho. Olhou para as árvores, para a folhagem imóvel no céu crepuscular e violáceo. Larsen deu uma ligeira cotovelada ao cantor. Este calou-se. Faltariam pouco mais de cinquenta metros para chegar a casa do doutor Valerga.

Como sempre, foi o próprio doutor quem abriu a porta. Era um homem corpulento, de rosto amplo, barbeado, acobreado, notavelmente inexpressivo; todavia, quando ria — retraindo o maxilar inferior, mostrando os dentes de cima e a língua — ficava com uma expressão de levíssima, quase efeminada, mansidão. Entre os ombros e a cintura, a extensão do corpo, um pouco proeminente na região do estômago, era extraordinária. Mexia-se com uma certa gravidade, carregado de força, e parecia estar a empurrar alguma coisa. Fê-los entrar, um por um, olhando para a cara de cada um deles. Isto espantou Gauna porque havia muita luz e o doutor devia saber, desde o primeiro momento, quem eles eram.

A casa era baixa. O doutor conduziu-os através de um saguão lateral, de uma sala que fora um pátio, até um escritório com duas varandas para a rua. Nas paredes estavam penduradas várias fotografias de pessoas a almoçar em restaurantes ou debaixo de latadas ou à volta de churrascos, e dois retratos solenes: um do doutor Luna, vice-presidente da República e outro do próprio doutor Valerga. A casa transmitia uma impressão de asseio, de pobreza e de alguma dignidade. O doutor, com evidente cortesia, pediu-lhes que se sentassem.

— A que devo tanta honra? — perguntou.

Gauna não respondeu logo, porque lhe pareceu descortinar no tom uma troça dissimulada e, para ele, misteriosa. Larsen apressou-se a balbuciar qualquer coisa, mas o doutor retirou-se. Nervosamente, os rapazes mexeram-se nas cadeiras. Gauna perguntou:

— Quem é a mulher?

Via-a através da sala, através de um pátio. Estava coberta de panos negros, sentada numa cadeira muito baixa, a cozer. Era velha.

Gauna teve a impressão de que não o tinham ouvido. Passado algum tempo, Maidana respondeu, como se tivesse acordado:

— É a criada do doutor.

Este trouxe numa pequena bandeja três garrafas de cerveja e alguns copos. Pousou a bandeja na secretária e serviu. Alguém tentou falar, mas o doutor fê-lo calar-se. Mortificou-os durante um bocado, protestando que se tratava de uma reunião importante e que devia falar a pessoa devidamente incumbida de o fazer. Todos olharam para Gauna. Por fim, este atreveu-se a dizer:

— Ganhei mil pesos nas corridas e creio que o melhor a fazer é gastá-los nestas festas, divertindo-nos todos juntos.

O doutor olhou-o inexpressivamente. Gauna pensou: «Ofendi-o, com a minha precipitação.» Todavia, acrescentou:

— Espero que queira honrar-nos com a sua companhia.

— Não trabalho num circo, para ter companhia — respondeu o doutor, sorrindo; depois acrescentou com seriedade: — Parece-me muito bem, meu amigo. Há que ser generoso com o dinheiro do jogo.

A reunião perdeu a tensão. Todos se dirigiram para a cozinha e voltaram com uma travessa de carnes frias e novas garrafas de cerveja. Depois de comer e beber, conseguiram que o doutor contasse anedotas. O doutor tirou um pequeno canivete de madreperola do bolso e começou a limpar as unhas.

— Por falar em jogo — disse —, agora me lembro de uma noite, aí por volta de vinte e um, em que o gordo Maneglia me convidou para ir ao seu escritório. Vocês estão a vê-lo, tão gordo e tão trémulo, e quem havia de dizer que aquele homem fosse tão delicado, uma autêntica senhora, com as cartas? Invejoso, não me considero — declarou, olhando agressivamente para cada um dos circunstantes — mas sempre invejei Maneglia. Ainda hoje pasmo quando penso nas coisas que esse finado fazia com as mãos enquanto vocês abriam a boca. Mas é inútil, uma manhãzinha o orvalho apanhou-o e, em menos de vinte e quatro horas, uma dupla pneumonia tinha-o levado.

»Nessa noite tínhamos jantado juntos e o gordo pediu-me que o acompanhasse ao seu escritório, onde uns amigos estavam à sua

espera para jogar ao *truco*<sup>4</sup>. Eu não sabia que o gordo tinha um escritório ou ocupação conhecida, mas como o calor apertava e tínhamos comido bastante, pareceu-me conveniente apanhar um pouco de ar antes de me esticar no catre. Espantou-me que conseguisse caminhar, sobretudo quando vi como se lhe entrecortava a respiração, mas ainda não me tinha dado provas de ser avarento e agarrado ao dinheiro. Porém, ainda mais me espantei quando o vi enfiar-se no portão de uma garagem. Parou e sem olhar para mim, disse: «Chegámos, não entra?». Eu sempre senti repulsa pelas coisas da morte, pelo que entrei encolhido, a contragosto, por entre aquela fila dupla de carretas funerárias. Subimos por uma escada de caracol e fomos dar ao escritório do gordo. Ali, estavam à sua espera, entre fumo de cigarros, os amigos. Mentir-vos-ia se vos dissesse que caras tinham. Ou melhor: lembro-me de que eram dois e de que um tinha a cara queimada, como uma só cicatriz, se é que me faço entender. Disseram a Maneglia que um terceiro — disseram o seu nome, mas não prestei atenção — não podia vir. Maneglia não pareceu admirar-se e pediu-me que substituísse o ausente. Sem esperar pela minha resposta, o gordo abriu um pequeno armário de pinho, trouxe as cartas e pousou-as sobre a mesa; depois foi buscar um pão e dois tarros amarelos de doce de leite: num deles, havia grão para debicar e no outro, doce de leite. Tirámos à sorte quem seriam os pares, mas percebi que isso não tinha importância; fosse qual fosse o meu parceiro, seria parceiro do gordo.

»No início, a sorte estava indecisa. Quando o telefone tocava, o gordo demorava a atender. Explicava: «Para não falar de boca cheia.» Era espantoso o que aquele homem comia de pão e de doce. Quando desligava, erguia-se pesadamente e abria uma janelinha frágil que dava para as cavalariças e geralmente gritava: «Altar completo. Ataúde de quarenta pesos.» Dava as medidas, o nome da rua e o número. A grande maioria dos ataúdes era de quarenta pesos. Lembro-me de entrarem pela janelinha emanações verdadeiramente fortes de cheiro a pasto e a amoníaco.

»Posso assegurar-vos que o gordo me deu uma interessante lição de ligeireza de mãos. Por volta da meia-noite, comecei a

<sup>4</sup> Jogo de cartas. [N. dos T.]

perder a sério. Percebi que as perspectivas não eram favoráveis, como dizem os campónios, e que tinha de reagir. Aquele lugar tão fúnebre desanimava-me. Mas o gordo tinha declarado tantas flores, sem que eu conseguisse encontrar fundamento para o menor protesto, que comecei a ficar aborrecido. Aqueles batoteiros já estavam novamente a ganhar-me, quando o gordo virou as cartas — um ás, uma quadra e uma quina — e gritou: «Flor de espadas!». «Flor de corte!», respondi, e pegando no ás, passei-o rente à sua cara. O gordo começou a sangrar, salpicando tudo. Até o pão e o doce de leite ficaram tintos. Juntei lentamente o dinheiro que havia em cima da mesa e guardei-o no bolso. Depois, agarrei num punhado de cartas e limpei o sangue ao gordo, esfregando-lhas na tromba. Saí calmamente e ninguém me impediu a passagem. O finado caluniou-me uma vez diante de conhecidos, dizendo que debaixo da carta eu tinha o canivete. O pobre Maneglia julgava que todos eram tão ligeiros de mãos como ele.

## II

Não é verdade que os rapazes tenham duvidado, uma vez sequer, do doutor Valerga. Percebiam que os tempos tinham mudado. Se a ocasião chegasse a apresentar-se, o doutor não os defraudaria; poderia insinuar-se sarcasticamente que eles, receosos de que o inesperado azar da violência os convertesse em vítimas, diferiam e evitavam essa suspirada ocasião. Talvez Larsen e Gauna, em alguma confiança, a que depois não aludiriam, tivessem sugerido que a facilidade que o doutor tinha em contar histórias não deveria ser interpretada em detrimento do seu carácter; nos tempos que corriam, o inevitável destino dos valentes era relembrar façanhas passadas. Se alguém perguntar porque é que este fácil narrador da sua vida tinha fama de taciturno e de calado, responder-lhe-emos que talvez fosse uma questão de voz ou de tom e pedir-lhe-emos que recorde os homens irónicos que conheceu; convirá connosco que em muitos casos a ironia na boca, nos olhos e na voz era mais fina do que nas próprias palavras.

Para Gauna, a discussão da coragem do doutor tinha alusões e ecos secretos. Gauna pensava: «Larsen lembra-se

da vez em que atravesssei a rua para não lutar com o filho da engomadeira. Ou da vez que veio cá a casa aquela pequena rã do Vaisman — parecia mesmo uma rã — acompanhado por Fernando Fonseca. Eu teria seis ou sete anos; chegara há pouco tempo a Villa Urquiza. Quase admirava Fernandito; por Vaisman, sentia algum afecto. Vaisman entrou sozinho em casa. Disse-me que Fernandito lhe contara que eu dizia mal dele e por isso vinha lutar comigo. Fiquei muito impressionado com a traição e as mentiras de Fernandito e não quis lutar. Quando acompanhei Vaisman à porta, Fernandito fazia-me caretas atrás das árvores. Alguns dias depois, Larsen encontrou-o num baldio; falaram de mim e passado algum tempo os rapazes viram-no de mão dada com uma vizinha, sangrando do nariz, a chorar e a coxear. Talvez Larsen se lembre do meu sétimo aniversário. Eu estava muito convencido da importância de fazer sete anos e aceitei uma luta de boxe com um rapaz muito maior. O outro não queria magoar-me e a luta durou muito tempo; estava tudo a correr bem até ao momento em que comeci a ficar impaciente; talvez tenha perguntado a mim próprio como iria aquilo acabar; a verdade é que me atirei para o chão e comeci a chorar. Talvez Larsen recorde aquele domingo em que lutei contra o negro Martelli. Era mulato, sardento e alargava-se apreciavelmente entre os joelhos e a cintura. Enquanto eu lhe dava pequenos murros na cintura, perguntou-me como é que eu conseguia bater com tanta força. Durante alguns segundos, julguei que estava a falar a sério, mas depois vi que naqueles lábios, celestes por fora e rosados por dentro, como carne crua, havia um sorriso repugnante.»

Larsen lembrava-se de uma tarde em que aparecera um cão raivoso e que Gauna o mantivera afastado com um pau, até ele e os outros rapazes conseguirem fugir. Larsen recordava-se ainda de uma noite em que dormira em casa de Gauna. Estavam sozinhos com a tia de Gauna e pouco antes de amanhecer entraram ladrões. A tia e ele estavam transtornados pelo susto, mas Gauna fez um barulho com a cadeira e disse «Pega no revólver, tio», como se o tio ali estivesse; depois, dirigiu-se calmamente para o pátio. Do fundo do quarto, Larsen viu um foco de lanterna iluminando o céu, por cima da cerca e, lá em baixo, viu Gauna, inerte, ínfimo, ossudo: a imagem da valentia.

Larsen julgava saber que o amigo era corajoso. Gauna pensava que Larsen vivia meio acobardado mas que, uma vez chegada a ocasião, faria frente a quem quer que fosse; de si próprio, pensava que podia dispor, com indiferença, da sua vida; que se alguém lhe pedisse para a jogar aos dados, ao agitar o copo não teria muitas dúvidas nem muitos temores, mas sentia repulsa em esmurrar com os seus punhos; talvez temesse que os golpes fossem fracos e que as pessoas se rissem dele; ou talvez, como mais tarde lhe explicaria o bruxo Taboada, quando sentia uma vontade hostil se impacientasse irreprimivelmente e quisesse render-se. Pensava que esta era uma explicação verosímil, mas temia que a verdadeira fosse outra. Agora não tinha fama de cobarde. Vivia entre aspirantes a fanfarrão e não tinha fama de se acobardar. Mas a verdade é que agora quase todas as lutas se resolviam com palavras; no futebol, houve alguns incidentes: coisa de garrafas atiradas ou pedradas ou lutas indiscriminadas, em grupo. Agora a coragem era uma questão de elegância. Quando somos pequenos, somos postos à prova. Para ele, o resultado da prova fora o de que era cobarde.

### III

Nessa noite, depois de contar outras histórias, o doutor acompanhou-os à porta.

— Amanhã encontramos-nos aqui às seis e meia? — perguntou Gauna.

— Às seis e meia começa o departamento vermute — sentenciou Valerga.

Os rapazes afastaram-se em silêncio. Entraram no Platense e pediram aguardentes. Gauna reflectiu em voz alta:

— Tenho de convidar o barbeiro Massantonio.

— Devias ter perguntado ao doutor — afirmou Antúnez.

— Agora não podemos lá voltar — disse Maidana. — Pensará que temos medo dele.

— Se não o consultarem, fica aborrecido. É a minha opinião — insistiu Antúnez.

— Não importa o que ele pensa — aventurou Larsen —, mas imagina como vai ficar se o formos incomodar agora para lhe pedir essa autorização.

— Não se trata de lhe pedir autorização — disse Antúnez.

— O Gauna que vá lá sozinho — aconselhou Pegararo.

Gauna declarou:

— Temos de convidar Massantonio — pôs umas moedas em cima da mesa e levantou-se —, mesmo que seja preciso tirá-lo da cama.

A perspectiva de tirar o barbeiro da cama seduziu toda a gente. Esquecendo o doutor e os escrúpulos que tinham sentido por não o consultarem, perguntaram-se como dormiria o barbeiro e fizeram planos para distrair a esposa enquanto Gauna falava com o marido. Na exaltação dos projectos, os rapazes andaram rapidamente e afastaram-se de Larsen e Gauna. Estes, como se tivessem combinado, puseram-se a urinar na rua. Gauna recordou outras noites, noutros bairros, em que, também sobre o asfalto, à luz da lua, tinham urinado juntos; pensou que uma amizade como a deles era a maior doçura da vida dum homem.

Diante da casa onde vivia o barbeiro, os rapazes esperavam-nos. Larsen disse com autoridade:

— É melhor o Gauna entrar sozinho.

Gauna atravessou o primeiro pátio; um cãozinho peludo e amarelado, que estava amarrado a uma aldraba, ladrou um bocadinho; Gauna prosseguiu o seu caminho e no corredor à esquerda, na continuação do segundo pátio, parou em frente a uma porta. Bateu, primeiro timidamente, depois com decisão. A porta entreabriu-se. A cabeça de Massantonio assomou, sonolenta, ligeiramente mais calva do que era habitual.

— Vim cá convidá-lo — disse Gauna, mas interrompeu-se porque o barbeiro pestanejava muito. — Vim cá convidá-lo — o tom era lento e cortês; poder-se-ia sugerir que, sonhando uma íntima e quase imperceptível fantasia alcoólica, o jovem Gauna se transformava no velho Valerga — para nos ajudar, aos rapazes e a mim, a gastar os mil pesos que me fez ganhar nas corridas.

O barbeiro continuava sem perceber. Gauna explicou:

— Amanhã às seis estamos à sua espera na casa do doutor Valerga. Depois, vamos jantar juntos.

O barbeiro, já mais acordado, escutava-o com uma desconfiança que tentava dissimular. Gauna não a descortinava e, educadamente, aborrecidamente, insistia no seu convite.

Massantonio implorou:

— Sim, mas a senhora. Não posso deixá-la.

— O que ela mais quer é que a deixe por um bocado — respondeu Gauna, inconsciente da sua impertinência.

Viu, de soslaio, cobertores e almofadas — não lençóis — de uma cama em desalinho; entreviu também uma madeixa dourada da senhora e um braço nu.

#### IV

Na manhã seguinte, Larsen acordou com dores de garganta; à tarde, tinha gripe. Gauna tinha proposto aos amigos «adiar a saída para melhor oportunidade»; mas, ao notar a contrariedade que causava, não insistiu. Sentado num pequeno caixote de madeira branca, ouvia agora o amigo. Este, em mangas de camisa, embrulhado numa manta, sobre um colchão às riscas, a cabeça apoiada numa almofada muito baixa, dizia-lhe:

— Ontem à noite, quando me estendi nesta cama, já suspeitava de alguma coisa; hoje, a cada hora que passava, sentia-me pior. Estive toda a manhã a mortificar-me com a ideia de não poder sair convosco, de que, à noite, a febre me trocarias as voltas. Às duas da tarde, já era um facto.

Enquanto ouvia as explicações, Gauna pensava com afecto na maneira de ser de Larsen, tão diferente da sua.

— A encarregada recomenda-me gargarejos de sal — declarou Larsen. — A minha mãe foi sempre grande partidária dos de chá. Gostava de ouvir a tua opinião a este respeito. Mas não julgues que estou sem fazer nada. Já comecei a atacar com um *Fucus*. Certo é que se consultar o bruxo Taboada, que sabe mais do que alguns médicos diplomados, deita fora estes remédios todos e faz-me passar uma semana a comer tanto limão que só de pensar nisso fico com icterícia.

Falar de gripe e das tácticas para a combater quase o reconciliava com o seu destino, quase o animava.

— Desde que não te contagie — disse Larsen.

— Tu ainda acreditas nessas coisas.

— Pá, o quarto não é grande. Menos mal que esta noite não dormes cá.

— Os rapazes morrem se deixamos a saída para amanhã. Não julgues que os entusiasma sair; assusta-os comunicar a Valerga o adiamento.

— Não é caso para menos — a voz de Larsen mudou de tom. — Antes que me esqueça, quanto é que ganhaste nas corridas?

— O que disse. Mil pesos. Mais exactamente: mil sessenta e oito pesos e trinta centavos. Os sessenta e oito pesos e trinta centavos ficaram para o Massantonio, que me passou a informação.

Gauna consultou o relógio; depois acrescentou:

— Está na hora de ir. É uma pena que não venhas.

— Bom, Emilito — respondeu Larsen persuasivamente —, não bebas de mais.

— Se soubesses como gosto de beber, saberias que tenho força de vontade e não me tratarias como a um bêbedo.

## V

E quando viu chegar o barbeiro Massantonio, o doutor Valerga não levantou problemas. Gauna agradeceu-lhe intimamente essa prova de tolerância; pelo seu lado, compreendia o erro de ter convidado o barbeiro.

Porque iam sair com Valerga, não se mascararam. Entre eles — com o doutor não se aventuravam a emitir qualquer opinião sobre o assunto — fingiam estar muito acima de tanta pantomima e desprezar os pobres mascarados. Valerga trazia calças às riscas e casaco escuro; ao invés dos rapazes, não usava lenço ao pescoço. Gauna pensou que, se depois das festas lhe sobrasse algum dinheiro, compraria umas calças às riscas.

Maidana (ou talvez Pegoraro) propôs que começassem pelo curso de Villa Urquiza. Gauna respondeu que era do bairro e que por lá toda a gente o conhecia. Ninguém insistiu. Valerga disse para irem a Villa Devoto, «afinal», acrescentou, «todos

acabaremos lá» (alusão, muito aplaudida, à prisão do mesmo bairro). Com a melhor disposição, dirigiram-se à estação Saavedra.

O comboio estava cheio de mascarados. Os rapazes protestaram, visivelmente contrariados. Movido por tais protestos, Valerga mostrou-se conciliador. A única coisa que obscurecia a alegria de Gauna era o temor de que algum mascarado quisesse troçar do doutor ou que Massantonio o irritasse com a sua timidez. Por Colegiales e La Paternal, chegaram a Villa Devoto (ou a «Villa», como dizia Maidana). Estiveram no corso; o doutor opinou que nesse ano o Carnaval era menos animado e contou histórias dos carnavais da sua mocidade. Entraram no clube Os Mininos. Os rapazes dançaram. Valerga, o barbeiro (muito envergonhado, muito incomodado) e Gauna ficaram na mesa, a conversar. O doutor falou de campanhas eleitorais e de reuniões hípicas. Gauna sentiu uma espécie de responsabilidade culpada relativamente ao doutor e Massantonio e um pouco de rancor deste último.

Saíram para se refrescar na solitária praça Arenales e depois, diante do clube Villa Devoto, um breve e confuso incidente com pessoas que estavam do outro lado do arame farpado ocupou-os.

Quando o calor se tornou mais insuportável, apareceu uma *murga*<sup>5</sup> francamente ruidosa e maçadora. Era constituída por poucos indivíduos, que pareciam muitos, com bombos, com tambores e pratos, com narizes encarnados, com as caras tismadas de preto, com fatos-macaco negros. Gritavam afonicamente:

*Por fim chegou a murga  
Os Rapazes Musicantes.  
Se não nos pagam um copo  
Vamo-nos neste instante.*

Gauna chamou uma vitória. Apesar dos protestos do cocheiro e das propostas para se retirar, que Massantonio repetia, entraram os seis para o carro. Na boleia, ao lado do cocheiro, sentou-se Pegoraro; atrás, no banco principal,

<sup>5</sup> Grupo que toca pela rua. [N. dos T.]

Valerga, Massantonio e Gauna e, na parte traseira, Antúnez e Maidana. Valerga ordenou ao cocheiro:

— Para Rivadavia e Villa Luro.

Massantonio tentou saltar do carro. Todos queriam ver-se livres dele, mas não o deixaram descer.

Ao longo do caminho, encontraram mais do que um corso, seguiram-nos e abandonaram-nos; entraram em tabernas e outros estabelecimentos. Massantonio, troçando angustiado, garantiu que se não regressasse imediatamente, a senhora iria matá-lo à paulada. Em Villa Luro houve um incidente com um rapaz perdido; o doutor Valerga ofereceu-lhe uma maçã *Bellas Porteñas* e depois levou-o para a esquadra ou para casa dos pais. Isso era, pelo menos, o que Gauna julgava recordar.

Passadas as três da manhã, deixaram Villa Luro. Prosseguiram com o carro até Flores e, depois, para Nova Pompeia. Agora Antúnez ia na boleia; cantava melosamente *Noche de Reyes*. Gauna recordava-se confusamente de toda esta parte do trajecto. Alguém disse que, lá em cima, Antúnez estava muito ocupado e que o cocheiro chorava. Do cavalo, tinha imagens caprichosas, mas vívidas (isto é estranho, porque ele estava sentado na parte de trás da vitória). Recordava-o muito grande e anguloso, escurecido pelo suor, cambaleando, com as patas afastadas, ou ouvia-o gritar como uma pessoa (esta última parte, sem dúvida, sonhara-a); ou via-lhe apenas as orelhas e a cabeça, e sentia uma inexplicável compaixão. Depois, num descampado, num momento lilás e quase abstracto com a chegada da aurora, houve um grande júbilo. Ele próprio gritou que amarrassem Massantonio e Antúnez disparou o seu revólver para o ar. Finalmente chegaram a pé a uma quinta de um amigo do doutor. Foram recebidos por matilhas de cães e depois por uma senhora ainda mais agressiva que os cães. O dono estava ausente. A senhora não queria deixá-los entrar. Massantonio, falando sozinho, explicava que não podia passar a noite em claro, porque se levantava cedo. Valerga distribuiu-os pelos quartos da casa. Como foram dali para outro lado, era um mistério; Gauna recordava o despertar numa granja; a sua dor de cabeça; a viagem num carro muito sujo e depois num eléctrico; uma tarde e uma luz muito claras num quintal de Barracas, onde jogaram à bocha; a observação de que

Massantonio tinha desaparecido, que ele ouviu com surpresa e depois esqueceu; a noite num prostíbulo da rua Osvaldo Cruz, onde, ao ouvir o *Luar* tocado por um violinista cego, sentiu um grande arrependimento por ter descuidado a sua instrução e o desejo de fraternizar com todos os presentes, desdenhando — como disse em voz alta — as mesquinhezas individuais e exaltando as aspirações generosas. Depois sentira-se muito cansado. Tinham andado debaixo de um aguaceiro. Tinham entrado, para reagirem, numa casa de banhos turcos. (Todavia, agora via imagens do aguaceiro na queima de lixo do Bañado de Flores e nos estribos sujos do carro). Da casa de banhos recordava uma espécie de manicura, com a cara pintada e com batom, que falava seriamente com um desconhecido e uma manhã interminável, vaga e feliz. Recordava também ter caminhado pela rua Peru, fugindo da polícia, com as pernas fracas e a mente vazia; ter entrado num cinematógrafo; ter almoçado, às cinco da tarde, com muita fome, entre os bilhares de um café na avenida de Mayo; ter participado, sentados na capota de um táxi, nos corsos do centro; ter assistido a uma função do Cosmopolita, julgando que estavam no Bataclán.

Contrataram um segundo táxi, cheio de espelinhos e com um diabo pendurado. Gauna sentiu-se muito seguro quando ordenou ao motorista que fosse a Palermo, e muito orgulhoso quando ouviu Valerga dizer:

— Parecem a vossa sombra, rapazes, mas Gauna e este velho continuam animados.

À entrada do Armenonville, tiveram uma colisão com um *Lincoln* particular. Do *Lincoln* saíram quatro rapazitos e uma rapariga, uma mascarada. Se Valerga não tivesse intervindo, os rapazinhos teriam lutado com o motorista do táxi; como o homem não se mostrou agradecido, Valerga disse-lhe umas palavras adequadas.

Gauna tentou contar as vezes que se tinha embebedado desde domingo à tarde. Nunca sentira tanta dor de cabeça nem tanto cansaço.

Entraram num salão «grande como *La Prensa*», explicou Gauna, «ou como o *hall* do Retiro, mas sem o modelo de locomotiva em que você põe dez centavos e o vê andar». Tal sítio

estava muito iluminado, com filas de galhardetes, bandeirinhas e bolas de cores, com paus e cortinas, com gente ruidosa e música a toda a orquestra. Gauna agarrou a cabeça com as mãos e fechou os olhos; julgou que gritaria de dor. Pouco depois, deu por si a falar com a mascarada que os rapazinhos tinham trazido. Usava mascarilha, estava mascarada de dominó. Não percebera se era loura ou morena, mas ao lado da mascarada sentira-se contente (com a cabeça milagrosamente aliviada) e desde essa noite pensara muitas vezes nela.

Algum tempo depois, os rapazinhos do *Lincoln* regressaram. Quando os recordava, tinha a impressão de estar a sonhar. Havia um que parecia um prócere do livro de Grosso, com a cara incrivelmente magra. Outro era muito alto e muito pálido, como se fosse feito de miolo de pão; outro era louro, também pálido e cabeçudo; outro tinha as pernas cambadas, como um jóquei. Este último perguntou-lhe «quem é você para nos roubar a mascarada» e antes de acabar de falar, pôs-se em guarda, como um pugilista. Gauna apalpou a sua navalha, no cinto. Aquilo foi como uma luta de cães: ambos se distraíram muito depressa. A certa altura, Gauna ouviu Valerga falar, em tom persuasivo e paternal.

Depois ficou muito feliz, olhou à sua volta e disse à sua companheira:

— Parece que estamos outra vez sozinhos.

Dançaram. A meio da dança, perdeu a máscara. Voltou para a mesa. Valerga e os rapazes estavam lá. Valerga propôs uma volta pelos lagos «para nos refrescarmos um pouco e não acabarmos na esquadra». Ergueu os olhos e viu, junto ao balcão do bar, a mascarada e o rapazinho louro. Porque nesse momento se sentiu despeitado, aceitou a proposta de Valerga. Antúñez apontou para uma garrafa de champanhe já aberta. Encheram os copos e beberam.

Depois as recordações deformam-se e confundem-se. A mascarada desaparecera. Ele perguntava por ela; não lhe responderam ou tentavam acalmá-lo com evasivas, como se estivesse doente. Não estava doente. Estava cansado (ao princípio, perdido na imensidão do seu cansaço, pesado e aberto como o fundo do mar; por fim, no remoto coração do seu cansaço, recolhido, quase feliz). Mais tarde, deu por si entre árvores,

rodeado pela sua gente, atento ao instável e mercuriano reflexo da lua na sua navalha, inspirado, lutando com Valerga, por questões de dinheiro. (Isto é absurdo; que questão de dinheiro podia haver entre eles?)

Abriu os olhos. Agora o reflexo aparecia e desaparecia, por entre as tábuas do chão. Pressentia que lá fora, talvez muito perto, a manhã brilhava impetuosamente. Nos olhos, na nuca, sentia uma dor densa e profunda. Estava às escuras, num catre, num quarto de madeira. Cheirava a erva. Em baixo, entre as tábuas do chão — como se a casa estivesse ao contrário e o chão fosse o tecto — via linhas de luz solar e um céu escuro e verde como uma garrafa. Por momentos, as linhas cruzavam-se, aparecia uma cave de luz e um vaivém no fundo verde. Era água.

Entrou um homem. Gauna perguntou-lhe onde estava.

— Não sabes? — responderam-lhe. — No embarcadouro do lago de Palermo.

O homem preparou-lhe uns mates e compôs-lhe paternalmente a almofada. Chamava-se Santiago. Era corpulento, de uns quarenta e tal anos de idade, louro, de pele acobreada, de olhar bondoso, bigode recortado e uma cicatriz no queixo. Usava uma camisola de malha azul, com mangas.

— Quando voltei, ontem à noite, encontrei-te no catre. O Mudo cuidava de ti. Eu acho que alguém te deve ter trazido.

— Não — respondeu Gauna, sacudindo a cabeça. — Encontraram-me no bosque.

Sacudir a cabeça enjoou-o. Adormeceu quase imediatamente. Ao acordar, ouviu uma voz de mulher. Pareceu-lhe reconhecê-la. Levantou-se: então ou muito depois, não conseguia precisar. Todos os movimentos se repercutiam dolorosamente na sua cabeça. Na deslumbrante claridade exterior viu, de costas, uma rapariga. Apoiou-se na soleira da porta. Queria ver a cara daquela rapariga. Queria vê-la porque estava certo de que se tratava da filha do Bruxo Taboada.

Enganara-se. Não a conhecia. Devia ser lavadeira de profissão porque apanhara do chão uma bacia de vime. Gauna sentiu, muito perto da cara, uma espécie de latidos roucos. Semicerrando os olhos, voltou-se. Quem ladrava era um homem muito parecido com Santiago, mas mais largo, mais

escuro e com a cara barbeada. Usava uma camisola de malha cinzenta, muito velha e umas calças azuis.

— O que é que quer? — perguntou Gauna.

Cada palavra pronunciada era como um enorme animal que, ao mexer-se dentro do seu crânio, ameaçava parti-lo. O homem voltou a emitir sons torpes e roucos. Gauna percebeu que era o Mudo. Percebeu que o Mudo queria que ele voltasse para o catre.

Entrou e voltou a deitar-se. Quando acordou, sentiu-se bastante aliviado. Santiago e o Mudo estavam no quarto. Conversou amigavelmente com Santiago. Falaram de futebol. Santiago e o Mudo tinham sido encarregados de campo de um clube. Gauna falou da quinta divisão de Urquiza, na qual entrou, vindo da rua, ao fazer onze anos.

— Uma vez — disse Gauna —, jogámos contra os rapazes do clube KDT.

— E como vos ganharam, os do KDT! — ponderou Santiago.

— Que grande vitória — respondeu Gauna. — Pois se quando eles meteram o seu único golo nós já lhes tínhamos metido cinco!

— Eu e o Mudo trabalhámos no KDT. Éramos encarregados de campo.

— Não me diga! Quem sabe se não nos vimos naquela tarde.

— É claro. Era isso que eu ia contar. Lembra-se do balneário?

— Como é que podia não me lembrar? Uma casinha de madeira, à esquerda, entre os campos de ténis.

— Isso, homem. Eu e o Mudo vivíamos aí.

A possibilidade de se terem visto nessa altura e a confirmação de que tinham algumas recordações comuns sobre a topografia do extinto clube KDT e sobre a casinha do balneário alentou a cálida chama daquela amizade incipiente.

Gauna falou de Larsen e disse que se tinham mudado para Saavedra.

— Agora sou do Platense — declarou.

— Não é má equipa — respondeu Santiago. — Mas eu, como dizia Aldini, prefiro os Excursionistas.

**D**urante os três dias e as três noites de Carnaval, Emílio Gauna convida os seus amigos a gastarem todo o dinheiro ganho nas corridas. São três dias de vadiagem pela cidade, de bebedeira, de encontros fantásticos, de bailes de máscaras e de rixas de rua. Porém, uma estranha amnésia não permite a Emílio recordar um acontecimento que teve lugar num desses dias, mas que ele presente ter sido algo que alterou o curso da sua vida. Que insólito acontecimento terá sido esse? Decorridos três anos, no intuito de o descobrir e libertar-se da sua obsessão, Emílio decide repetir o passado e refazer, com as mesmas pessoas, um por um, todos os eventos dessa noite, ignorando os avisos em contrário...

«Casares foi sempre o maior especialista em descobrir a irrealidade que está presente nas nossas vidas e a transpô-la para histórias emocionantes que nos ensinam a viver de outra forma.»

**Octavio Paz**, Prémio Nobel de Literatura

ISBN 978-989-623-244-3  
9 789896 232443



cavalo de ferro